

## Capítulo Geral 2015 OCist

Pe. Mauro-Giuseppe Lepori, Abade Geral OCist

### **Conferência introdutória**

## **UM CARISMA QUE REGENERA**

Querida Madre Abadessa e Padres Abades Presidentes,  
Querido Pe. Procurador Geral,  
Queridos Madres Abadessas, Padres Abades, Madres Prioras e Padres Piores  
e membros todos do Capítulo Geral,

No início deste Capítulo Geral da Ordem Cisterciense, gostaria, antes de tudo, de prestar homenagem filial aos meus antecessores que, nestes cinco anos, nos deixaram para ir a Casa do Pai, o Abade Geral Policarpo Zakar, falecido em Budapeste, em 17 de setembro de 2012, o Abade Geral Mauro Esteva, falecido em Poblet, em 14 de novembro de 2014. São duas figuras, as quais, a Ordem deve muito, e devemos manifestar à eles, a nossa gratidão na oração. A Ordem hoje vive também da herança deles, como aquela de seus antecessores – no próximo dia 5 de dezembro, marcará o 20º aniversário da morte de Dom Sighard Kleiner, que foi para mim um pai amoroso – e percebi, durante estes cinco anos, quantas marcas, visíveis ou invisíveis, todos eles deixaram na Ordem e na Igreja. Celebraremos uma Missa em sufrágio à eles, dia 9 de outubro.

Também os membros do Capítulo Geral mudaram muito, em somente cinco anos. Saudamos todos os novos superiores e as novas superiores! Duas Congregações, infelizmente, foram suprimidas, e também alguns mosteiros. Falarei mais detalhadamente no meu relatório sobre o estado da Ordem.

Desde o último Capítulo temos também um novo Cardeal na Ordem, Dom Orani João Tempesta, Arcebispo do Rio de Janeiro, que era abade de S. José do Rio Pardo. O seu sucessor, Dom Edmilson Amador Caetano, já bispo de Barretos, se tornou, no mesmo tempo, bispo de uma grande diocese ligada à São Paulo: Guarulhos. O Arcebispo de Tours, Mons. Bernard-Nicolas Aubertin, nos visitará dia 17 de outubro, no final do Capítulo.

Esta minha conferência deseja provocar um trabalho de reflexão conjunto durante este Capítulo Geral, e também sugerir a atitude e o desejo, com o qual, devemos ouvir os relatórios dos outros Presidentes, e todos as intervenções e diálogos que ressoarão nesta assembléia.

## **Gratidão, paixão, esperança**

Na carta em preparação para o Capítulo Geral, o Conselho do abade geral tinha chamado a viver este Capítulo Geral pensando no 50º aniversário da promulgação de *Perfectae Caritatis*, e penso, em geral, ao 50º aniversário da conclusão do Concílio Vaticano II. Dizia-se que "a Igreja nos convida a recuperar a consciência da nossa vocação ao seguimento de Cristo, 'guiados pelo Evangelho' (RB, Prol. 21), e da sua dimensão profética no mundo de hoje."

Se convidava, além, as comunidades, como o pede o Santo Padre na carta de início do Ano da vida Consagrada, a lembrar os motivos da **gratidão** para com nossa história, a alimentar uma **paixão** pelo presente que somos chamados a viver, para poder olhar para o futuro, seja qual for, com **esperança**.

A carta do Conselho sugeria também às comunidades, de meditar sobre o próprio caminho, à luz do episódio evangélico dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

Na Convocação ao Capítulo Geral, escrevia também: "O próximo Capítulo Geral se realizará em pleno Ano da Vida Consagrada, e esta é uma ocasião preciosa para vivê-lo com disponibilidade ao Espírito Santo, a fim de que este encontro fraterno de todos os Superiores, favoreça na Ordem a comunhão, solidariedade, o conhecimento recíproco, a fidelidade ao nosso carisma e a nossa missão, e também a nossa sincera conversão no seguimento de Cristo, à luz do Evangelho." Para as relações dos Presidentes, pedia para levar em conta também a *Carta Apostólica do Papa Francisco a todos consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada*, de 21 de Novembro de 2014, e de concentrar-se sobre o tema da vida comunitária e de oração nas comunidades, falando sinceramente da realidade vivida, sem limitar-se a estatísticas ou idealizações.

Tudo isso pode parecer muito, talvez demais, mas, na realidade, tudo gira em torno de um tema essencial, e expressa uma preocupação essencial, que se poderia resumir no desejo que este Capítulo Geral possa realmente ser, aquilo pelo qual foi concebido na origem do movimento cisterciense, ou seja, uma assembléia de pastores, que se reencontram como irmãos e irmãs para compartilhar as alegrias e dores de seu ministério, e para encontrar uma ajuda para sua missão e a missão da sua comunidade, na comunhão vivida, eduzindo às fontes do carisma, dentro o qual somos chamados a seguir e servir Jesus Cristo e seu Reino. É aquilo que nos propõe São Bento no prólogo da Regra: "Cingidos, pois, os rins com a fé e a observância das boas ações, guiados pelo Evangelho, trilhem os seus caminhos para que mereçamos ver aquele que nos chamou para o seu Reino" (RB, Prol. 21).

Devemos, isto é, ajudar-nos a fazer um caminho de fé, onde a nossa vida, a vida de nossas comunidades, possa realmente seguir Cristo, iluminados e guiados

pela sua Palavra, pelo Evangelho, propensos pelo desejo de "ver Aquele que nos chamou ao seu Reino", propensos pelo desejo de ver Jesus, não somente no Reino futuro, mas aqui e agora; propensos pela paixão de estar em sua presença, de reconhecê-lo presente como luz e fundamento do nosso caminho, de tudo aquilo que vivemos e fazemos.

## **De Jerusalém a Emaús**

Não foi, talvez, esta experiência que fizeram os discípulos de Emaús? Enquanto caminhavam com Jesus que explicava-lhes as Escrituras, no fundo começavam a segui-lo, guiados "pelo Evangelho". E isto fazia crescer em seus corações uma paixão misteriosa: "Não nos ardia o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?" (Lc 24,32).

Se somos convidados pela Igreja a reavivar em nós a gratidão, a paixão e a esperança, é claro que devemos ter, antes de tudo, a humildade de deixar-nos conduzir pela Igreja e pela Ordem, por São Bento, pelos padres e madres cistercienses, assim como pela exortação de Papa Francisco e os seus predecessores, para renovar a experiência dos discípulos de Emaús. Qual experiência fizeram os dois discípulos de Emaús? Que a paixão, esperança e gratidão, não são sentimentos que podemos alimentar nós mesmos, sozinhos, nem mesmo somente entre nós, com os nossos companheiros de caminho. Entre eles dois, os dois discípulos não faziam que alimentar o desânimo, decepção, tristeza, desespero.

Qual grande misericórdia teve Deus de vir a procurar-nos justo nesta situação! Não podemos negá-lo: tantas comunidades e tantos monges e monjas vivem com estes sentimentos negativos as suas vocações, e muitas vezes entre eles, entre nós, não fazemos que alimentar estes sentimentos negativos. Por isso, quando a Igreja convida-nos a viver a nossa vida consagrada com gratidão, paixão e esperança, entendemos que precisamos de uma conversão, de uma renovação interior e entre nós. Mas isto não pode vir de nós! Não basta dizer-se: Bem, de agora em diante não serei mais desanimado, decepcionado, triste e desesperado! De agora em diante serei cheio de gratidão, paixão e esperança! O voluntarismo, na vida cristã, nunca funciona, nunca obtêm os resultados que pretende. Precisamos é deixar-nos alcançar por Cristo ressuscitado, deixar-nos corrigir por Ele ("Como sois tardos e lentos de coração para credes em tudo o que anunciaram os profetas!", Lc 24,25), e de caminhar com Ele que nos fala, que nos anuncia o Evangelho. Precisamos desta surpresa, deste acontecimento surpreendente, inesperado, e que não podemos fabricar.

Acredito que temos que pensar a todo o quadro comunitário, litúrgico, pastoral, formativo que nos garante, normalmente, a nossa vocação cisterciense como uma reprodução daquele caminho de 60 estádios ou 7 milhas ou 11 quilômetros,

que separa Jerusalém de Emaús. A fidelidade à Regra, ao nosso carisma, à vocação de nossa comunidade, coloca-nos naquela estrada, naquela data, naquela hora, em que Jesus quer alcançar-nos e caminhar conosco. Depois, é sempre uma surpresa que Ele nos alcance, que Ele fale conosco, que Ele, enfim, se manifeste, mas há uma fidelidade que nos dispõe a esta experiência, que nos abre a este dom do Ressuscitado. Então, a paixão, esperança e gratidão, nos são doadas, são graça.

Também o Capítulo Geral, como cada momento de encontro entre nós, deveria ser vivido como um permanecer no caminho, sobre o qual cremos com fé, que Cristo nos quer alcançar, acompanhar, falar-nos, revelar-se a nós, para encher-nos de uma paixão, uma esperança e gratidão que nós, sozinhos, não conseguimos produzir em nós e nos outros. É como permanecer no Cenáculo a espera do Pentecostes, porque é o Espírito Santo a paixão, gratidão e esperança que Jesus quer comunicar-nos.

### **Uma renovação sempre nova**

É assim que devemos pensar também à renovação e à reforma a qual o Concílio nos estimula há 50 anos. Talvez nos anos após o Concílio, as reformas imediatas que foram feitas, nos deram muito a impressão de ter conseguido, de ser renovados. É uma ilusão pensar que a Igreja e as Ordens, como cada uma de nossas vidas, possam renovar-se uma vez por todas. A verdadeira renovação cristã é fruto de uma contínua conversão, de um contínuo discernimento para seguir Jesus Cristo com a novidade que nos vem d'Ele. A verdadeira renovação consiste no tornar, sempre, a cada dia, ao "primeiro amor" que Jesus pede a Igreja de Éfeso no Apocalipse (2,4). A renovação não é nunca formal. Se permanece apenas nas formas, envelhece rapidamente, porque não são as formas que regeneram, mas a vida que renova as formas.

A renovação ou reforma que sempre precisamos são, justamente, ilustradas pela experiência que fizeram os dois discípulos de Emaús. A renovação ou reforma vem do encontro com Cristo, do estar com Ele, do ouvi-Lo. A verdadeira e essencial renovação da Igreja, no fundo, vem sempre da Eucaristia, vivida e celebrada não somente durante a Missa, mas como dimensão verdadeira e permanente da nossa existência, como um manancial permanente das nossas comunidades, a qual nos alimentamos com a liturgia comum, com a comunhão de vida, de fraternidade, de trabalho, que os nossos mosteiros deveriam sempre cultivar. É assim que São Bento concebe o mosteiro e a comunidade monástica.

Há algum tempo percebo que a verdadeira renovação, a verdadeira reforma que precisamos, é então, uma *regeneração*, um ser gereados sempre por Deus Pai, através do Filho e do Espírito Santo. Os discípulos de Emaús fizeram a experiência de uma regeneração à vida apaixonada, grata e cheia de esperança, graças ao encontro com Jesus.

Quando falamos de "carisma", é a esta possibilidade de regeneração que devemos pensar. O carisma, o nosso carisma, o carisma monástico, beneditino, cisterciense, é aquela realidade misteriosa que dá a uma família religiosa o poder de sempre, se regenerar na sua vocação, na sua identidade, na sua vitalidade. O carisma não renasce quando somos muitos, quando somos jovens, quando somos ativos, quando somos admirados, mas quando renovamos a experiência de ser gerados à novidade do seguimento de Cristo, de vida com Ele e de missão com Ele, que investiu e animou nossos Fundadores e todos os re-fundadores, ao longo dos séculos. Quem se deixam gerar pelo carisma, torna-se capaz de gerar, por sua vez, de suscitar nos outros a vida e vocação que fez arder o coração por Ele. Então, a Ordem vai adiante, se transmite, atravessa os séculos, penetra as várias culturas, enriquecendo, sempre mais, de experiências, de novos campos de missão. Então, a Ordem evangeliza, através de suas obras de hospitalidade, suas obras educativas e pastorais, mas também no escondimento de um mosteiro de clausura.

Depois que o Ressuscitado se manifestou a eles, no partir do pão, realização de todo um processo de manifestação que começa quando Jesus caminha e fala com eles sem ser reconhecido, os dois discípulos de Emaús correm com energia totalmente regenerada do encontro com Jesus para anunciar a sua Ressurreição, sua Presença regeneradora em suas vidas e no mundo. Eis uma bela imagem da verdadeira reforma da Igreja, da Ordem, de nossas comunidades: uma capacidade e uma paixão de anunciar Cristo, que se alimenta no encontro com Ele, no dom gratuito que Ele nos faz de podê-lo encontrar, ouvir, ver.

### **Chamados a manifestar mais que aparecer**

Este anúncio é humilde, não teme mostrar as próprias fragilidades, a própria pequena fé. Se o Evangelho de Lucas conta-nos que Jesus disse aos dois que eram tolos (literalmente: sem inteligência, sem conhecimento), e tardos de coração (ou seja, mornos no fervor, afeto, piedade), não foi certamente Jesus que contou a Lucas, mas os próprios dois discípulos. Humildemente contaram o acontecimento, preocupados mais em manifestar Cristo que suas qualidades, suas inteligências, o seu fervor. Poderiam ter voltado envaidecidos e orgulhosos de estarem entre os primeiros testemunhas da Ressurreição, por terem sido escolhidos para uma das aparições mais importantes e longas de Jesus após a sua morte na Cruz. Ao invés, são bem conscientes, e não escondem, que é justamente por serem os mais tolos e tardos de coração que os outros, que Jesus misericordioso apareceu para eles imediatamente e por tanto tempo.

Devemos pensar assim à nossa vocação, à graça que temos de viver uma vocação que nos permite caminhar com Cristo ao longo do dia, que nos faz ouvir a sua Palavra com abundância, que nos permite, a cada dia, de vê-lo na Eucaristia. Não

é porque somos melhores que os outros, mas porque somos os mais tolos e tardos de coração que os outros. Mas é assim que Cristo quer nos tornar instrumentos de sua manifestação para Igreja e para o mundo; com a condição, porém, que caminhemos com Ele, com a condição que o escutemos, até que o nosso coração arda de desejo de estar com Ele: "Fica conosco, já é tarde e já declina o dia" (Lc 24,29).

Quando vejo nossas comunidades mais frágeis, as nossas comunidades que parecem pôr-se, que fazem a experiência de declinar e, talvez, em breve desapareça, como o dia que desaparece de noite; quando vejo agitar-se para ascender luzes artificiais, para prolongar o dia artificialmente, me pergunto: E se ao invés de agitar-se tanto, de entristecer-se tanto, pela própria miséria e fragilidade, aproveitassem desta situação para suplicar, mais intensamente, que Jesus permaneça conosco? A novidade cristã não é que não haja mais o limite humano, esgotamento humano, que não haja mais a tarde, o pôr do sol, que não haja mais a noite. A novidade é que Jesus quer permanecer conosco no nosso limite, no declinar de nossas forças, também de nossa vida. Porque Jesus é o Ressuscitado, é Aquele que já penetrou a escuridão e a morte, e as venceu com a luz e a vida que estão n'Ele, que é Ele.

Quão belo, que espetáculo, as comunidades ou os indivíduos frágeis e humanamente morrendo, que tem acesa a lâmpada do desejo do Esposo, que tem acesa a lâmpada que mendiga ao Esposo para vir dentro do limite de nossa vida, para permanecer conosco! Precisariam de tantas coisas, precisariam viver, se sentir bem, ter mais forças, rejuvenescer, mesmo assim o que prevalece neles, não é o desejo destas coisas, muitas vezes impossíveis, mas o desejo do Esposo, o desejo da presença do Senhor! Aquelas comunidades, aquelas pessoas, então, mesmo que se acabem, mesmo que se apagam, o fazem manifestando Cristo, manifestando o Ressuscitado para Igreja e para o mundo. E não há fertilidade e vitalidade maior do que esta. É a fertilidade dos mártires: morrer sim, mas manifestando Cristo!

Meditando sobre o evangelho do sal da terra e da luz do mundo, na solenidade de São Bernardo, este ano entendi que a nossa vocação não é de *aparecer*, mas de *manifestar*. Quando colocamos sal na sopa insípida, ninguém diz: "Que sal gostoso!", mas "Que sopa gostosa!" O sal, sem aparecer, manifesta o sabor dos alimentos. E também a luz, permite ver a paisagem, mas ninguém costuma dizer "Que luz bonita!", mas "Que paisagem bonita!".

Assim como sal, como a luz, não somos chamados e enviados por Cristo para nos mostrar, mas para manifestar a Sua bondade e beleza, para manifestar o bom sabor e a bela luz de Cristo. É assim que devemos também entender a importância da humildade no nosso carisma beneditino/cisterciense, e é assim que podemos entender como São Bernardo viveu a sua presença no mundo de seu tempo. Não estava preocupado em aparecer, mas de manifestar Cristo, a bondade e a beleza de Cristo, e isto o protegia em meio ao mundo, a multidão,

como se permanecesse no silêncio e na solidão do mosteiro. Jesus deve aumentar e nós diminuir, e se diminuimos, em força, número, capacidade, esta missão de manifestar Cristo, se torna, no fundo, ainda mais possível, mais fácil, se aceitamos desaparecer para manifestar-Lo, em vez de reclamar constantemente de não conseguir mais aparecer.

## **O esplendor da caridade**

Há, porém, uma maneira de manifestar Cristo nas situações de fragilidade e precariedade que é muito importante, hoje mais que nunca. Seria cínico limitar-se a dizer às comunidades precárias ou moribundas: "Que lindo, que lindo, mais desapareceis e mais manifestais o Senhor!". Também porque nós mesmos não ficaríamos muito felizes de desaparecer assim. Aquilo que manifesta realmente Cristo é a comunhão, solidariedade, compaixão entre os membros de sua Igreja, e, portanto, entre os membros da nossa Ordem, ou de diferentes Ordens.

Existem ótimos exemplos desta solidariedade, que vejo um pouco em todos os lugares. Às vezes é ainda mais impressionante e comovente, porque é a solidariedade entre os pobres, entre situações precárias. É como ver a pobre viúva do Evangelho que oferece a Deus tudo aquilo que lhe resta para viver, não o supérfluo, como os ricos (Mc 12,41-44; Lc 21,1-4). Evidentemente, não faltam sinais de solidariedade da parte daqueles que estão melhor, e também isto enche de gratidão. Dentro das Congregações existe, normalmente, também muita ajuda recíproca. Muitas vezes esta solidariedade não se vê, porque a mão direita não sabe o que dá a esquerda, e isso é bom. Mas as comunidades realmente generosas, até ao sacrifício, manifestam silenciosamente uma gratuidade sobrenatural, que torna o mundo mais bonito.

Em uma de nossas abadias no Brasil, vejo, todos os dias, na Missa de manhã cedo, uma senhora idosa com um filho adulto, com deficiência mental e física. Impressiona-me sempre a beleza do amor que emana destas duas pessoas, do amor desta mãe e do sentir-se amado deste filho. Depois descobri, um dia, que esta senhora, na realidade, não é a mãe natural deste jovem: que quando ele nasceu e a sua verdadeira mãe o rejeitou porque era deficiente, esta senhora era enfermeira daquele hospital, e o levou a sua casa, embora já tivesse 4 filhos, e há mais de trinta anos cuida dele e o ama sem poupar-se. Quando consegui falar com ela, esta senhora me disse que é ela que agradece sempre a Deus, pelo dom deste filho, que enche de alegria a sua vida. Isto me encheu de emoção, mas também de contrição, porque eu que sou religioso, monge, padre, abade, nunca fiz uma escolha assim tão radical do amor de Cristo. E quando encontro ou vejo as comunidades, cada monge ou monja, também os jovens, vejo que muitas vezes domina a busca do próprio interesse, da própria comodidade. Há mais desejo de ter que de dar, de aproveitar-se das pessoas e das situações que sacrificar si mesmo por algo maior, por um amor maior que nosso coração, nossas forças, nossos bens, nosso tempo.

Também Jesus admirou a pobre viúva e a mostrou a seus discípulos, porque os seus discípulos, seus apóstolos, eram mais como nós, que como aquela viúva pobre, ou como esta senhora que encontrei no Brasil, ou tantas outras pessoas que, escondidas, se sacrificam no amor e no serviço, em família, em situações de "periferia" que não fazem a notícia, mas também na vida escondida dos mosteiros.

Nestes cinco anos como abade geral, pude ver tanta santidade em nossos mosteiros, fruto, muitas vezes, de uma longa fidelidade, de uma longa vida de conversão, dos pequenos passos de conversão, através tantas quedas e recomeçando tudo de novo. E quanto amor e sacrifício escondido vi e vejo nos superiores e nas superiores das comunidades! Ninguém o vê, ninguém pensa no sacrifício de suas constante preocupação e solicitude para com seus irmãos e irmãs. É como se fosse normal, como se fosse óbvio, que os pastores deem constantemente a vida pelas ovelhas, aguentando, muitas vezes, os humores, crises, agressividades, birras. E se algo vai mal, é sempre culpa deles, que não são suficientemente bons ou severos, que corrigem muito ou corrigem muito pouco... Creio que, de uma forma ou de outra, fazeis todos esta experiência. Ainda assim, não são os pastores que mais reclamam, quando visito as comunidades. Na verdade, são justamente eles que não reclamam, que assumem e suportam. E é bom, porque esta é caridade, e a caridade edifica sempre. Mas pelo menos entre pastores, devemos ajudar-nos a carregar o peso com alegria, com confiança em Deus, sem cair em um isolamento que sufoca em nós a alegria de servir o Senhor. Pessoalmente arrependo-me, sobretudo, de não estar próximo a todos os superiores e superiores com suficiente tempo e disponibilidade. Entendo que nisto deveria dar mais prioridade, que sobre outros aspectos do meu ministério, e que por isso deverei ser ajudado melhor e isentado de outros deveres menos pastorais.

Vejo, porém, com gratidão a Deus, que cresce a fraternidade entre os mosteiros, independentemente dos confis das Congregações ou também das Ordens. Quanto mais se sente a necessidade de ser acompanhado e ajudado, menos permanecemos nas diferenças formais, jurídicas, de etiqueta. Acho que o futuro da vida consagrada, como, aliás, aquele da sociedade civil, será sempre mais marcado por colaborações gratuitas, espontâneas, por proximidade espacial e cultural, mas também por afinidade de sentimentos, em conceber e viver a vocação. Isto não empobrecerá a identidade das diferentes Ordens, nem das nossas diferentes Congregações, se realmente estas estruturas estão a serviço da vida das comunidades e seus membros, e não só em recintos de poder espacial, ou melhor de posse, que não se quer compartilhar, porque não se quer perder. Mas quando uma estrutura eclesial não serve a vida, não serve mais a comunhão e a gratuidade, sem cálculos, a estrutura, antes ou depois, morre, como um fruto que seca do interior até que também a casca se rompe e revela o vazio que tinha dentro.



## "O tempo é superior ao espaço"

Neste sentido, parece-me fundamental, para a nossa meditação e para o escâmbio nestes dias de Capítulo Geral, a reflexão que Papa Francisco fez na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre a superioridade do tempo ao espaço. O Papa escreve:

"O tempo é superior ao espaço. Este princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos. Ajuda a suportar, com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade impõe. É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo. (...) Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente, para tentar tomar posse de todos os espaços de poder e autoafirmação. É cristalizar os processos e pretender pará-los. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais* com *iniciar processos do que possuir espaços*. O tempo ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em elos duma cadeia em constante crescimento, sem marcha atrás. Trata-se de privilegiar as acções que geram novos dinamismos na sociedade e comprometem outras pessoas e grupos que os desenvolverão até frutificar em acontecimentos históricos importantes. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes. (...)

O próprio Senhor, na sua vida mortal, deu a entender várias vezes aos seus discípulos que havia coisas que ainda não podiam compreender e era necessário esperar o Espírito Santo (cfr. *Jo* 16, 12-13). A parábola do trigo e do joio (cfr. *Mt* 13, 24-30) descreve um aspecto importante de evangelização que consiste em mostrar como o inimigo pode ocupar o espaço do Reino e causar dano com o joio, mas é vencido pela bondade do trigo que se manifesta com o tempo." (*Evangelii Gaudium*, 222-225)

Esta atitude, que se preocupa em lançar e acompanhar processos de vida, crescimento, renovação, mais que conquistar espaços de poder, controle, dominação, é fundamental também para a vida de uma Ordem. Vai verdadeiramente da esperança com a qual podemos olhar para o futuro. Os espaços de poder, são os tesouros que, mais cedo ou mais tarde, perderemos, que nos colocam em conflito com outros conquistadores de espaços de poder. A preocupação para manter o espaço conquistado, talvez as vezes "roubado" de quem é mais fraco, nos desgasta interiormente, desgasta as comunidades, as faz alcatéias de lobos mais que rebanhos de ovelhas e cordeiros, guiados pelo Senhor.

Quem, ao invés, lança e alimenta com fé um processo de vida e comunhão que cresce no tempo, do qual fruto depende mais de Deus do que de nós, vive com paixão, certamente, mas não com ansiedade e inquietação. Se alegra de cada pequeno sinal de crescimento, de cada botão que floresce, de cada passo adiante

do rebanho, mesmo um pequeníssimo passo. O espaço infinito não existe. O tempo, invés, toca, a cada momento, a eternidade e se derramará completamente no eterno, como um rio no mar.

Vejo a cada viagem, a cada visita, a cada visita canônica, que a esperança e a paz nunca são dadas por aparentes grandes sucessos, que são como espaços conquistados em batalhas, que deixam sobre o campo mais mortos que vivos. Aquilo que dá esperança e paz, são todos os pequenos sinais de um processo de vida, conversão, regeneração que avança no tempo. São como sementes de mostarda, que se veem cair no chão, e dão esperança de ver com o tempo crescer uma planta, dão um encontro com o progresso que Deus opera no segredo da terra. "Assim é o Reino de Deus: é como um homem que lança a semente à terra; dorme, levanta-se, de noite e de dia, e a semente brota e cresce, sem ele o perceber. Pois a terra por si mesma produz, primeiro a planta, depois a espiga e, por último, o grão abundante na espiga." (Mc 4,26-28).

Para alimentar com fé, esperança e caridade os processos de vida no tempo, não é necessário ser forte. Também uma comunidade pequena e anciã, pode discernir os pequenos sinais de progresso em direção a eternidade. Um irmão, uma irmã, de personalidade difícil ou angustiado, que se pacifica com o passar dos anos; ou que vive com paciência uma enfermidade; a caridade fraterna no cuidar ou simplesmente fazer companhia a quem está sozinho; os sorrisos que pessoas de fora vem procurar, e não querem nada mais do que isso...

Mais se torna precário e frágil, e mais se torna fundamental cultivar uma sensibilidade, aos pequenos sinais de advento do reino de Deus em nosso meio. E muitas vezes, é a fragilidade que torna mais sensíveis a ver estes sinais. Mas é também importante que quem não é frágil, ou não o é ainda, se deixe ensinar daqueles que são, a discernir os sinais do Reino de Deus, porque se meditamos o Evangelho, vemos que os verdadeiros sinais do Reino são sempre pequenos, sempre pequenas sementes, que exigem a fé, provocam à esperança. Gostaria que na Ordem existisse mais sensibilidade pela profecia que representam, em meio a nós, os pequenos sinais da vitalidade do nosso carisma. Também dentro das comunidades mais numerosas e fortes, muitas vezes, a vitalidade do carisma palpita em pessoas ou gestos que aparecem pouco, mas que na realidade trazem tudo, transmitem a vitalidade a todos. Também os discípulos de Emaús, é somente no simples e humilde gesto de partir o pão, que realmente reconheceram a presença do Ressuscitado: "Estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-o. Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram... mas ele desapareceu." (Lc 24,30-31). Um simples gesto de oração e partilha cotidiana: é este o verdadeiro sinal da presença viva e constante do Ressuscitado; é esta a verdadeira manifestação de Cristo na Igreja e para o mundo. E se Jesus desaparece da vista dos dois discípulos, é porque se tornem, agora, eles mesmos o sinal da sua presença, porque eles mesmos se

façam pão, que na gratidão ao Pai, se deixa partir para dar-se aos outros, como sinal que Cristo está presente e vivo.

"Então se lhes abriram os olhos e o reconheceram." Aqui, creio que também entre nós, também na Ordem, também em nossas comunidades, também olhando-nos entre comunidades diferentes, entre culturas diferentes, entre observâncias e estilos diferentes, devemos pedir ao Espírito Santo a graça eucarística da abertura de nossos olhos para reconhecer que, em toda parte, existem sinais que nos permitem reconhecer Cristo presente em nosso meio, sinais que nos enchem de alegria e fervor, e nos dão vontade de correr para anunciar a todos que Cristo é verdadeiramente ressuscitado e que o reconhecemos ao partir o pão.

### **Reunidos para "conhecer os mistérios do reino de Deus"**

No final da parábola do semeador, os discípulos vão interrogar Jesus sobre o seu significado. E Jesus, antes de lhes explicar, diz algo misterioso que, creio, devemos ouvir também ao início de um Capítulo Geral: "Os seus discípulos perguntaram-lhe a significação desta parábola. Ele respondeu: 'A vós é concedido conhecer os mistérios do Reino de Deus, mas aos outros se lhes fala por parábolas; de forma que vendo não vejam, e ouvindo não entendam'." (Lc 8,9-10)

Os mistérios do Reino de Deus. Não é menos que isto que viemos a conhecer, entender, ajudar-nos a conhecer durante estes dias. Se estamos aqui somente para entender os problemas do mundo, ou problemas mundanos da Ordem, ou melhor, para entender de modo mundano os problemas e dificuldades da Ordem, das comunidades, perdemos o nosso tempo, porque tudo aquilo que faremos, discutiremos e decidiremos nestes dias, com o tempo, se revelará estéril. Tudo aquilo que não nos faz conhecer os mistérios do reino de Deus é estéril, não dará nenhum fruto, será somente uma gestão que ganha ou perde espaços de poder, não um novo começo de um processo de vida e fecundidade no tempo, para o reino de Deus.

Conhecer os mistérios do reino de Deus entre nós, não quer dizer, porém, que devemos fazer um retiro espiritual, ou que o Capítulo não deve lidar com questões concretas, de problemas reais, cotidianos, humanos. Porque o reino de Deus em Cristo, está "entre nós" (cfr. Lc 17,21), é uma semente semeada em nossa terra. Todas as parábolas sobre o reino de Deus, são parábolas da vida concreta, humana, real. O reino de Deus em Jesus Cristo, é o reino da encarnação do Verbo de Deus no mundo, em nossa vida. São Bento na Regra nos testemunha, a cada capítulo ao mesmo tempo, um forte sentido dos mistérios do reino de Deus e uma percepção aguçada que estes mistérios estão dentro da nossa vida, encarnados em nossa realidade cotidiana, humana, também de pobres

pecadores. Tudo no mosteiro é "*altaris vasa sacrata* – objetos sagrados do altar" (RB 31,10). A condição, porém, que se veja tudo com fé, reconhecendo em tudo e em todos, os "mistérios do reino de Deus". E, no fundo, o verdadeiro mistério do reino de Deus é, justamente, que esteja escondido em nossas vidas, em nossas cotidianidades, em nossas comunidades, nas relações entre nós. Como o próprio Jesus explicou aos fariseus que lhe perguntaram: "Quando virá o Reino de Deus?" Jesus respondeu: "O Reino de Deus não virá de um modo ostensivo. Nem se dirá: Ei-lo aqui; ou: Ei-lo ali. Pois o Reino de Deus já está no meio de vós." (Lc 17,20-21). Somos sempre tentados de esperar o reino de Deus como uma realidade futura, que virá. Também dizer que está aqui ou ali, onde o vemos, onde o colocamos. Muitas vezes, colocamos o reino de Deus onde nos convém, onde justifica aquilo que pensamos, que dizemos, que fazemos. Mais uma vez: o reduzimos a um "espaço de poder", do nosso poder. Jesus reafirma que o reino de Deus é um mistério que já está aqui, que está entre nós, que já nos foi dado, e que devemos procurar e reconhecer em nosso meio. Também nestes dias, seremos tentados a pensar ou dizer que o reino de Deus está aqui ou ali, especialmente do nosso lado, onde nos convém que esteja. Ao invés, está "entre nós", habita entre nós, e o poderemos reconhecer somente reconhecendo-o entre nós, como Jesus estava no meio dos dois discípulos de Emaús.

Porém, para reconhecê-lo entre nós, mesmo entre as nossas diferenças, mesmo entre as questões sobre as quais ainda não concordamos, mesmo em meio a eventuais conflitos entre nós, precisamos de fé, isto é, de uma graça, um dom do Espírito Santo, e portanto precisamos rezar, pedir a Deus por todos e cada um, a graça de reconhecer os mistérios do Reino, que Jesus quer nos fazer conhecer.

### **Diante da Presença divina**

A propósito da oração e, especialmente da liturgia, que é um dos temas importantes deste Capítulo e, creio, dos relatórios dos Presidentes, gostaria apenas de salientar um aspecto que, ficaria feliz, de aprofundarmos juntos. São Bento, no capítulo 19 da Regra, diz: "Cremos estar em toda parte a presença divina e que os olhos do Senhor vêem em todo lugar os bons e os maus. Creiamos nisso principalmente e sem dúvida alguma, quando estamos presentes ao Ofício Divino. (...) Consideremos, pois, de que maneira cumpre estar na presença de Deus" (RB 19,1-2.6).

Eis, a questão séria que me coloco, agora que visitei todo o mundo e participei da liturgia em quase todas as vossas comunidades, a questão que me e vos coloco é esta: As nossas liturgias, a oração comum em nossos mosteiros, é realmente uma ajuda para estar na presença de Deus? Exprime, realmente, a busca e a experiência de uma relação privilegiada com o Senhor? Responde a esta Divina Presença que nos olha, que nos procura, que deseja unir-se a nós?

Entendemo-nos: a distração, cansaço, rotina, nos insídia e nos insidiará sempre. Não é este o problema. Mas não devemos esquecer que o Ofício Divino, em qualquer forma que seja celebrado, a Igreja e a tradição monástica nos dão como ajuda e formação contínua, para um relacionamento real com Deus, um relacionamento esponsal, pois a liturgia é sempre a oração da Esposa que, unida ao Espírito Santo, invoca e acolhe o Esposo que vem (cfr. Ap 22,17.20).

A minha impressão é que, apesar das boas intenções, a maioria das nossas comunidades não vivem assim a oração comum. E não falo somente das comunidades que, por várias razões executam o Ofício e celebram a Eucaristia sem uma boa qualidade. Pergunto-me também nas comunidades que rezam formalmente bem. Devemos ter a humildade de ser sinceros sobre este aspecto, porque quando se negligencia a substância esponsal da comunhão com Deus na oração, a liturgia, com o tempo, não atrai mais, nem os monges e monjas, nem quem vem ou deveria vir rezar conosco, e também viver conosco. Aquilo que é ruim, seco, formal, com o tempo faz só crescer a tristeza, e portanto o desânimo, que em seguida, se transmite a todo o resto da vida do mosteiro. Já sabeis que não poucos se ausentam dos Ofícios, com muitas razões, mas ultimamente creio que a razão fundamental seja que não trabalhamos em conjunto pela beleza do relacionamento com o Senhor. É como se em uma família se comesse sempre mal, comesse sempre alimentos enlatados. Em longo prazo, não se tem mais vontade, nem mesmo, de encontrar-se para comer juntos...

### **"Sois uma grande família"**

Lembraís aquilo que me disse Papa Bento XVI quando o cumprimentei durante o Capítulo Geral de 2010? Disse a mim e a nós: "Sois uma grande família."

No final do Capítulo Geral de 2010 tinha retomado esta expressão, e dizia: "Sois uma grande família."

A verdadeira natureza de uma família não é aquela de ser um grupo de pessoas fechadas em si mesmas, na defesa do próprio círculo e dos próprios interesses. A verdadeira natureza de uma família, é aquela de ser um e lo de uma corrente de gerações, isto é, de ser um grupo de pessoas que se deixam gerar, para, por sua vez, gerar. E esta geração passa através de uma vida comum, onde os membros se amam, se educam, se abrem à fecundidade. A família é um lugar de vida e de trabalho conjunto, para crescer em um amor sempre mais verdadeiro e gratuito, um lugar onde se trabalha juntos para crescer no conhecimento da verdade, na experiência da bondade, na contemplação da beleza. E tudo isto implica o crescimento na unidade, na comunhão que permite à verdade, ao amor e à beleza de ser uma corrente de vida que circula entre as pessoas e se transmite ao mundo.

São Bento nos oferece e pede para viver e crescer nesta experiência, na qual Cristo responde à sede de felicidade do nosso coração, a nível pessoal, a nível de

comunidade e a nível de Ordem.

Definir-nos como "uma grande família", não significa calcular as nossas dimensões, mas ser conscientes que quando somos pequenos e frágeis, o Senhor nos chama a crescer, a crescer na vida, a crescer no amor, na comunhão, a crescer no dom da nossa vida para o Reino de Deus, que é unidade e salvação da imensa família humana. E isto, também através da morte, porque em Cristo a lei da vida já é o mistério pascal".

(Discurso de encerramento do Capítulo Geral, 9 de setembro de 2010)

Justamente nestes dias acontece o Sínodo dos Bispos sobre a família, e creio que isto deveria também estimular-nos a viver com responsabilidade e gratidão a "familiaridade" na Ordem, nas comunidades, entre as comunidades, porque é sobretudo assim que a vida consagrada pode ser um suporte, para todos os leigos que vivem a vocação matrimonial e familiar. E também nós, temos muito a aprender com o testemunho de fidelidade, amor, sacrifício, educação, do cuidado que nos oferecem tantas famílias, começando pelas famílias que nos geraram.

Porém o que gostaria de sublinhar, no início deste Capítulo, e após estes 5 anos de experiência e conhecimento da "grande família" da nossa Ordem, é acima de tudo a necessidade que a familiaridade, fraternidade, torne-se mais palpável e efetiva na Ordem, e também com as outras Ordens geradas pelo mesmo carisma. Gostaria, neste sentido, fazer algumas perguntas, que poderão também acompanhar as nossas reflexões e diálogos destes dias.

**1. Uma família se conhece, se frequenta.** Temos, realmente, entre nós, a preocupação e o desejo de nos conhecer, de compartilhar as alegrias e tristezas, esperanças e dificuldades do nosso caminho?

**2. Uma família cuida de seus membros,** especialmente dos mais frágeis, como as crianças, os idosos, os doentes. Não existe na Ordem comunidades que parecem um pouco como aqueles pais ou avós idosos doentes, que se abandonam nos asilos, que nunca se vai visitar, que devem continuar a fazer tudo como se tivessem ainda energia para fazê-lo? Ou não existem comunidades ainda jovens, imaturas, que são como crianças órfãs deixadas a si mesmas, sem que um adulto as siga, acompanhe, as ajude a crescer?

**3. Uma família educa,** forma à vida. Há bons esforços e âmbitos de formação que a Ordem, ou cada comunidade da Ordem, oferecem a todos. Temos o Curso de Formação Monástica, temos os Cursos para os Superiores, que começamos a oferecer, tem a Faculdade de Heiligenkreuz, os Institutos de filosofia e teologia no Vietnã, etc. Mas vejo que ainda muitas comunidades, sobretudo de monjas, não possuem boas possibilidades de formação, muitas vezes já no noviciado. E, muitas vezes, aquilo que falta mais, não é tanto ou só a formação intelectual, mas a formação à vida monástica cenobítica, a formação que se pode oferecer somente

em um bom âmbito comunitário, com padres e madres que acompanham as pessoas em um caminho de crescimento humano, interior, na comunhão com Deus e os irmãos ou irmãs. Falta, muitas vezes, quem sabe transmitir a formação à *lectio divina*, à oração pessoal e litúrgica, à partilha sobre a palavra de Deus, ao diálogo comunitário, ou quem forma à leitura dos padres e madres cistercienses, ao conhecimento da Regra de São Bento. Há também um grande trabalho a fazer para formar superiores e superiores capazes de formar, de ensinar à comunidade, de transmitir o conhecimento do carisma cisterciense, enfim, para dizer com São Bento, de disseminar "nas almas dos discípulos o fermento da justiça divina"(RB 2,5), isto é, uma sabedoria que estimule nos irmãos e irmãs a liberdade que vive a vocação com responsabilidade.

Uma boa família, além, permite aos filhos tornar-se pais e mães, isto é, forma adultos fecundos, não eternas crianças, eternos adolescentes, enternos solteirões ou solteironas, que nunca se tornam pessoas maduras, no dom desinteressado da vida. Por isso a formação que está atenta somente às formas, à superfície, àquilo que aparece, mais cedo ou mais tarde, leva à ruína e à divisão da família.

Quem quer formar sem ter primeiro seguido, quem pede obediência sem nunca ter obedecido, não é padre ou madre, mas ditador e mercenário que leva as ovelhas à ruína. Nossa Ordem é capaz de impedir semelhantes aberrações dentro da sua família?

E não se pode esquecer que formar e educar significa corrigir. Existem ainda instrumentos suficientes para poder corrigir e reformar uma comunidade que, por mil razões, vai à deriva?

**4. Uma família é solidária.** Falaremos da possibilidade de um fundo de solidariedade. Mas o problema não deve limitar-se a solidariedade econômica. Necessária também de uma solidariedade no auxílio pessoal, no auxílio formativo, no apoio fraterno. Uma solidariedade na amizade. Também porque quem precisa de dinheiro, não se limite a abordar a Ordem apenas para isto, porque muitas vezes, precisa-se de muito além, e talvez as ajudas financeiras não ajudam, a longo prazo, o verdadeiro crescimento e maturação da comunidade. Muitas vezes, é melhor doar formação que dinheiro, porque sem formação também o dinheiro vem desperdiçado.

Além disso, necessitamos evitar que quem têm mais recursos financeiros torne-se um "benfeitor", que depois, domina em modo "colonial" os mosteiros ou os monges das nações mais pobres, criando um estranho comércio de pessoas e ajudas que não fazem bem, nem de um lado ou nem de outro, porque, de um lado, não se responsabiliza pelas verdadeiras razões da falta de vocações, por outro lado, se perde facilmente a disponibilidade de regressar ao próprio país para ajudar o crescimento da própria comunidade, da própria Igreja e própria cultura.

**5. Uma família há uma missão comum**, ou, pelo menos, apóia a missão de cada um dos seus membros. O Papa nos convida a sermos todos evangelizadores, cada um na forma que lhe é própria. Agora, em nossa Ordem, com o tempo, as comunidades assumiram missões e obras específicas. Estas obras não coincidem com o carisma, mas o deve exprimir. Um mosteiro permanece cisterciense, embora por várias razões, não pode mais levar adiante uma determinada obra, por exemplo uma escola ou uma paróquia. Mas quando as obras podem ser levadas adiante, seria bom que o nosso carisma beneditino/cisterciense determinasse um modo específico de exercer esta missão, esta obra. Assim, a obra seria evangelizadora, porque o nosso carisma é uma forma do seguimento de Cristo na vida evangélica.

A minha pergunta, neste contexto, é se realmente na Ordem nos ajudamos nisto. Muitas vezes, é como se as obras ou missões ad extra de cada mosteiro não tem muito a ver com a vida da Ordem. Sabe-se que tal mosteiro tem uma escola, tem paróquias, exerce uma missão, mas é como se isto não dissesse, realmente, a respeito da Ordem como um todo ou das outras comunidades. Porém, vejo que nos mosteiros que têm uma determinada obra, as dificuldades e as preocupações são muito semelhantes; ou vejo que aquilo que um tem ou não tem, é, muitas vezes, complementar a respeito àquilo que o outro tem ou não tem. Seria, portanto, muito oportuno e útil, que se ajudassem mais, compartilhando experiências, dificuldades, ajudas, oferecendo-nos colaborações, mesmo entre um continente e outro. Nunca teve, que eu saiba, um encontro de todos os mosteiros da Ordem que têm uma obra educativa, que têm escolas. No entanto, são muitos; ou, entre mosteiros que têm paróquias; ou de mosteiros que estão ligados a santuários; ou entre mosteiros que têm uma importante atividade de acolhimento de hóspedes, peregrinos, mas também turistas, porque muitas vezes vivemos em monumentos de grande valor ou temos um patrimônio artístico e cultural de grande interesse.

Todas essas obras e missões são muito importantes para cada mosteiro, para cada comunidade. Há comunidades que são, efetivamente, consumidas pela obra muito desproporcional as forças da comunidade. Outros, ao invés, encontraram uma boa colaboração com outros institutos religiosos ou com os leigos. Mas também isto deveria fazer parte da missão evangelizadora, que nos é própria. Então, sobre tudo isto, não poderia ser a Ordem um lugar de troca, de ajuda no discernimento, de colaboração?

E há um outro aspecto importante desta colaboração. Em certos países, sabemos que as obras, especialmente as escolas, são ameaçadas pelo desejo dos governos hostis à Igreja. Creio que se houvesse uma colaboração mais visível entre instituições similares, dos diferentes países e continentes, isto poderia constituir uma boa proteção. Se por exemplo, uma escola em um país governado por um regime arbitrário, fosse visível e oficialmente gêmea com escolas de nossos mosteiros na Áustria, EUA, Alemanha, Hungria, Itália, etc., creio que isto seria um bom escudo contra a interferência dos governos.

Mas acima de tudo, me calca que houvesse uma colaboração mais estreita e



substancial entre as obras e missões da Ordem, e não só, repito, ao nível de apoio financeiro. Faria bem a todos, que existisse algum intercâmbio pessoal, mesmo por curtos períodos, porque isto não só permitiria ajudar a outros em certas áreas, mas ofereceria, a quem ajuda, a oportunidade de experiências valiosas. Vejo, por mim mesmo, que a permanência nos países mais pobres, onde as condições de vida são mais precárias, me ajuda bastante na vocação e conversão para a vida em Cristo.

**6. Em uma família é sempre necessário o perdão.** É o último ponto que quero enfatizar e oferecer à nossa reflexão e discussão. Nenhum grupo humano pode permanecer unido e fazer um caminho, sem regenerar a unidade e a concórdia através do perdão misericordioso de tudo aquilo que divide, ou simplesmente desgasta a comunhão. Uma família é feita por pessoas muito diferentes entre elas. Os irmãos e irmãs não foram escolhidos. Também os pais não escolhem como serão seus filhos, suas personalidades, talentos e defeitos. Todos devem aprender a conviver perdando-se as diferenças, distâncias e harmonizando-as em uma sinfonia, que é sempre mais bonita, que um canto ou um som solitário. Mas isto requer um coração que se dilata na misericórdia de Deus, que recomeça sempre a perdoar, a pedir a Deus a unidade entre nós, rezando, como Jesus, pelos nossos "inimigos". Trabalhamos, realmente, a uma contínua reconciliação dentro da Ordem? Às vezes, depois de uma incompreensão, um incidente, uma correção, as relações se atenuam, evita-se de rever-se, de falar-se, de recomeçar. É o nosso orgulho que atrasa ou impede a reconciliação. Mas esquecemos que assim perdemos um bem maior do que o nosso amor próprio: a comunhão, fraternidade, amizade. Renunciamos àquilo que é divino, àquilo que é o próprio Deus, que é Amor, Trindade, para fechar-se e reclinar-se em um tesouro vazio, seco, enferrujado... Nisto devemos todos converter-nos, converter-nos ao Evangelho. E creio que o Capítulo Geral deve servir, acima de tudo, a isto, para nos reconciliar uns com os outros, buscando uma unidade mais profunda e verdadeira entre nós, para melhor viver e exprimir a comunhão de Cristo no mundo.

São Bento adverte o abade do mosteiro, que a comunhão em Cristo é mais profunda que as diferenças sociais, culturais: "Servos ou livres, somos todos um em Cristo e sob um só Senhor caminhamos submissos na mesma milícia de servidão" (RB 2,20). Lembra-lhe que faz parte da sua "difícil e árdua" missão "de servir diferentes temperamentos – *multorum servire moribus*" (2,31), que se poderia traduzir também com diferentes costumes, diferentes hábitos, diferentes culturas.

Isto, mais do que para cada comunidade, vale para a Ordem como um todo, chamada a viver a sua harmonia e unidade, dentro de uma variedade, sempre maior, de culturas, línguas, modos de vida. Mas este é também o desafio e a aventura do mundo de hoje, onde seja a facilidade de comunicação, que a tragédia do êxodo em massa de muitos países, nos obriga e faz viver, sempre

mais, na mistura das diversidades humanas. Então, torna-se ainda mais urgente e profético, o sinal de unidade e harmonia que a nossa "grande família" cisterciense é chamada a oferecer ao mundo de hoje.

### **Precisamos de uma regeneração da vida consagrada**

A este respeito, há algumas semanas, dizia no último Capítulo do Curso de Formação Monástica, que "a verdadeira e renovada reforma da vida religiosa, deve partir do assumir, em primeira fila, daquilo que renova o mundo. O mundo não precisa muito da renovação da vida consagrada como tal, não precisa de uma nossa renovação auto-referencial, como diria Papa Francisco, mas necessita que a vida consagrada inicie, em si mesma, a renovação do mundo na caridade perfeita de Cristo, que é amor aos inimigos, a fim de que se tornem irmãos [cfr. Santo Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de São João*, 1,9]. E o amor aos inimigos começa onde se começa a rezar por eles, porque não pode ser um amor que vem de nós, mas começa com a graça da caridade de Deus, que a oração mendiga e acolhe.

Caso contrário, pensamos na renovação da vida consagrada como uma maquiagem, mesmo quando é espiritual. Ao invés, faz sentido só se for para viver, essencialmente, a perfeita caridade de Cristo." (www.ocist.org; Capítulos do Abade Geral, 24/09/2015).

Acrescentei, como já mencionei no início, que a vida consagrada necessita, mais de que uma renovação ou reforma, de uma *regeneração*. Uma regeneração "ao serviço da regeneração da vida de toda a Igreja. Porque a regeneração é possível se um Outro nos gera de novo, se renascemos do alto (cfr. Jo 3,3). E este nascimento, este parto, que nos é sempre possível renovar, é o amor aos inimigos (...)

Precisamos todos de regeneração e, portanto, novas paternidades e maternidades de comunhão. (...) Devemos conceber o reviver do nosso carisma, assim como um retornar ao carisma de São Bento e de nossos padres e madres cistercienses como *paternidade*. O carisma é uma paternidade que gera no Espírito e na caridade de Cristo. O carisma é uma paternidade/maternidade que gera no Espírito à vida de comunhão em Cristo." (Ibidem)

Não existe missão evangelizadora mais urgente para o mundo de hoje, que aquela de viver e comunicar a todos e através de tudo, a comunhão filial e fraterna de Cristo.